

A escrita como questionamento do mundo

Rosália Estelita Gregório Diogo*

O escritor Rogério Manjate (2009) comenta que a literatura de Moçambique ainda é muito jovem se considerarmos que, há alguns anos atrás, ela era feita por portugueses ou descendentes. Muitos são os motivos inibidores de uma construção literária própria no país e, dentre eles, deve-se considerar que a maioria da população ainda não é alfabetizada em língua portuguesa – a língua oficial de Moçambique –, e que o processo de alfabetização somente iniciou-se com a independência, ou seja, a partir dos anos 70. As iniciativas anteriores de escolarização da população moçambicana, quando se davam, inclinavam-se, tendenciosamente, para o aprendizado dos valores europeus e a renegação da moçambicanidade. A perspectiva do ensino no período colonial conduzia para um aprendizado no campo da assimilação, de negação dos valores culturais dos nativos. Ainda após a independência, a baixa taxa de escolarização fez com que as elites intelectuais moçambicanas reagissem contra a exploração dos negros e começassem a criar poesias que denotavam a situação de opressão vivida no período colonial.

Para Afonso (2001), esse gênero poético é que, inicialmente, deu o tom da denúncia em Moçambique e que a prosa de ficção veio à tona efetivamente no período pós-independência. A poesia, sobretudo de José Craveirinha, a partir dos anos 1950, proclamava o orgulho de ser negro e propugnava pela identidade do povo africano. Na sua essência, a poesia de Craveirinha afirma os valores da dignidade, vitalismo e força da beleza racial, cultural e linguística de Moçambique, e se lança como verdadeiro manifesto poético que, permeado pela exaltação à moçambicanidade, critica a civilização imposta pelo colonialismo e pelo Ocidente europeu e valoriza o homem, a cultura, a história, a tradição, a religião, as línguas e a terra moçambicana. O autor observa que a ficção surgiu de modo esporádico nos anos 1960, por meio dos escritores Orlando Mendes e Luís Bernardo Honwana.

Essas primeiras manifestações literárias objetivavam provocar nos moçambicanos a reflexão sobre a situação política do país, desdobrando-se em uma espécie de fase de convocação. No momento posterior, essa fase de

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

convocação é substituída por uma fase de denúncia que tem, nas obras do escritor Mia Couto, uma bela ilustração dos aspectos históricos que ela carrega, aspectos estes marcados pela guerra civil que tomou conta de Moçambique desde sua independência, em 1975, até o ano de 1992.

Ainda discorrendo sobre as fases pelas quais a literatura moçambicana passou, Chabal (1994) fala em um momento de resistência à dominação da cultura européia, de resgate da cultura africana, um momento de afirmação, quando os escritores procuram definir sua posição na sociedade pós-colonial, e um momento de consolidação, em que aquilo que de fato importa é o lugar da literatura de Moçambique no mundo.

Pensando na literatura moçambicana nos dias de hoje, temos uma arte que, segundo Afonso (2001), assume, cada vez com mais força, o questionamento do mundo como motivo principal da escrita, tornando-se, cada vez mais universal.

Tive a oportunidade de viver em Moçambique no primeiro semestre de 2011 e ter contato com vários escritores. A partir desses encontros, realizei as entrevistas que se seguem, com a escritora Paulina Chiziane e os escritores Suleiman Cassamo, Ungulani Ba Ka Khosa e Mia Couto. A escrita desses autores é considerada, pela crítica, como de destaque na produção ficcional moçambicana da atualidade, por projetarem o país no cenário literário, nacional e internacionalmente.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. Escrita e identidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Latitudes**, França, n. 12, p. 1-8, set. 2001.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994.

MANJATE, Rogério. Brasil/Moçambique. Alagoas: s/d. Entrevista concedida a Luiz Alberto Machado. Disponível em http://www.palavrarte.com/entrevistas/entrev_rogeriomanjate.htm. Acesso em 20 de maio de 2011.